



Universidade de Brasília
UnB Instituto de Ciências Humanas | IH
Departamento de Filosofia | FIL

Pedro Dias Boa Sorte

O Discurso do Arquiteto e Urbanista e a Fenomenologia

Brasília
Julho de 2025

Pedro Dias Boa Sorte

O Discurso do Arquiteto e Urbanista e a Fenomenologia

Trabalho de Conclusão do Curso de
graduação em Filosofia da Universidade
de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Philippe Lacour

Brasília
Julho de 2025

Ficha Catalográfica

Pedro Dias Boa Sorte

**O Discurso do Arquiteto e Urbanista e a Fenomenologia
Monografia Filosófica**

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Filosofia da Universidade de Brasília, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Brasília, Julho de 2025.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Philippe Lacour - Orientador

Prof. Dr. Marco Aurélio Fernandes - Membro Titular

Epígrafe

Quando a unidade da existência natural se esforça, como acontece diante da paisagem, por nos enredar em si, revela-se como duplamente errônea a cisão entre um eu que vê e um eu que sente.

Georg Simmel

Resumo

Este trabalho explora a relação entre o discurso do arquiteto e urbanista e a fenomenologia, investigando como as intenções projetuais se manifestam na percepção dos usuários de espaços urbanos. O estudo concentra-se em projetos de urbanismo com valor cívico e simbólico, especialmente aqueles considerados intervenções paisagísticas. A pesquisa aborda o ato de projetar em arquitetura e urbanismo, com ênfase no componente simbólico e nas intenções do arquiteto em provocar sensações específicas nos usuários. O objeto de estudo é a Praça dos Três Poderes, em Brasília, projetada por Lúcio Costa. A análise busca identificar as intenções de Costa ao projetar a praça e como essas intenções são percebidas pelos usuários. A metodologia utilizada é qualitativa, com enfoque fenomenológico, baseada na fenomenologia da paisagem de Merleau-Ponty. A coleta de dados é realizada por meio de entrevistas com usuários da praça, buscando captar suas percepções e experiências sensoriais e espaciais. Os resultados indicam uma concordância significativa entre as intenções de Lúcio Costa e as percepções dos usuários, especialmente em relação aos símbolos democráticos e à sensação de pertencimento a uma nação. No entanto, também são identificadas percepções individuais e subjetivas, relacionadas às experiências de vida de cada usuário. A pesquisa conclui que a fenomenologia de Merleau-Ponty é uma ferramenta valiosa para entender a relação entre o espaço projetado e a experiência do usuário, e que as percepções dos usuários são diversas e ricas, revelando diferentes formas de vivenciar o espaço urbano.

Palavras-chave: Arquitetura, Urbanismo, Fenomenologia, Percepção, Merleau-Ponty, Lúcio Costa, Praça dos Três Poderes.

Abstract

This paper explores the relationship between the speech of the architect and urban planner and phenomenology, investigating how design intentions manifest in the perception of users of urban spaces. The study focuses on urban planning projects with civic and symbolic value, especially landscape interventions. The research addresses the act of designing in architecture and urban planning, with emphasis on the symbolic component and the architect's intentions in provoking specific sensations in users. The object of study is the Praça dos Três Poderes, in Brasília, designed by Lúcio Costa. The analysis seeks to identify Costa's intentions in designing the square and how these intentions are perceived by users. The methodology used is qualitative, with a phenomenological approach, based on Merleau-Ponty's phenomenology of landscape. Data collection is carried out through interviews with users of the square, seeking to capture their perceptions and sensory and spatial experiences. The results indicate a significant agreement between Lúcio Costa's intentions and the perceptions of users, especially in relation to democratic symbols and the feeling of belonging to a nation. However, individual and subjective perceptions are also identified, related to each user's life experiences. The research concludes that Merleau-Ponty's phenomenology is a valuable tool for understanding the relationship between the designed space and the user experience, and that users' perceptions are diverse and rich, revealing different ways of experiencing the urban space.

Keywords: Architecture, Urbanism, Phenomenology, Perception, Merleau-Ponty, Lúcio Costa, Praça dos Três Poderes.

Lista de Ilustração

Gráfico 1 - Faixa Etária	32
Gráfico 2 - Identidade de Gênero	32
Gráfico 3 - Identidade Étnico- Racial	32
Gráfico 4 - Nível de Escolaridade	32
Gráfico 5 - Quem é o Autor da Praça?	33
Quadro 1 - Cronograma	19
Quadro 2 - Entrevista 1	24
Quadro 3 - Entrevista 2	24
Quadro 4 - Entrevista 3	25
Quadro 5 - Entrevista 4	25
Quadro 6 - Entrevista 5	26
Quadro 7 - Entrevista 6	26
Quadro 8 - Entrevista 7	27
Quadro 9 -Entrevista 8	29
Quadro 10 - Entrevista 9	30
Quadro 11 - Entrevista 10	30
Quadro 12 - Cidade de Nascimento e Moradia	33

Sumário

Resumo	6
Abstract	7
Lista de Ilustração	8
Introdução	10
1° Ato - Projetar	10
2° Ato - Paisagem	11
3° Ato - O Projeto	12
4° Ato - A Fenomenologia	14
Justificativa	15
Objetivos	18
Material e Métodos	18
Resultados	21
Praça dos Três Poderes - Poderia chamar-se	21
Percepções Sensoriais e Espaciais do Usuário da Praça dos Três Poderes	23
Usuário da Praça dos Três Poderes - De onde vêm?	31
Discussão	34
Conclusão	36
Bibliografia	38

Introdução

1º Ato - Projetar

Do que é composto o ato de projetar? Digo, quando imaginamos, planejamos, sonhamos com algo ainda não concreto, não realizado, quais os componentes que formarão o ato de projetar esse desejo? Por exemplo, é possível que tenhamos componentes de ordem prática: rascunhos de textos para planejar obras literárias, planilhas financeiras para ordenar despesas de um dispêndio monetário, croquis para estabelecer traçados primários de um elemento espacial; Pois bem, também é possível que hajam componentes de ordem afetiva: personagens determinados a provocar sentimentos específicos naqueles que percorrem sua narrativa, sensações de conquista após adquirir um patrimônio relevante, assombro ao percorrer uma via larga margeadas de edifícios em altura. Ainda seria muito relevante, para o trabalho que iniciamos, talvez apontar componentes de ordem simbólica: uma história literária pode ser a representação de uma forma de se pensar o mundo, um elevado bem patrimonial pode exprimir prosperidade, um espaço urbano cívico pode simbolizar a história de uma nação. Acredito que, a lista de componentes do que forma o ato de projetar pode continuar indefinidamente, mas aqui, tomaremos principalmente o ato simbólico como algo a nos preocuparmos, pois é apropriado ao tipo de projeto que será tratado, bem como à bibliografia e as hipóteses que serão levantadas.

Pois aqui trataremos do ato de projetar em Arquitetura e Urbanismo. Sim, o profissional responsável por esse exercício de projeto leva diversos componentes - dos quais não falamos - para ponderar os seus traçados. No entanto, iremos tratar de projetos de urbanismo, principalmente de espaços cívicos, aqueles que possuem um poder de representatividade, que são projetados com a intenção de possuir um relevantes componente simbólico. Isso significa que o arquiteto e urbanista, além de delinear o espaço, procura, através de diversas maneiras, atizar no espaço projetado, idéias, sensações, provocações, simbologias, ou ainda criar ou alterar uma dita paisagem. Trataremos aqui, mais adiante, de uma intervenção urbanística, que também pode também ser chamada de paisagística, que gerou grande transformação espacial e simbólica, que expressa fisicamente a relação entre o homem e a paisagem do mundo em que ele vive (Eckbo, 2009).

Seguindo, entendemos que existem intenções no ato de projetar em arquitetura e urbanismo. Além disso, podemos explorar um questionamento que se apresenta quando o espaço imaginado esta concretizado: as intenções do arquiteto são manifestadas neste espaço? De forma mais complexa ainda, as intenções do autor são recebidas pelos usuários? Como eles reagem? Esse questionamento não é apenas uma problemática metodológica ou semântica, como também provoca uma diversidade de possibilidade de respostas e reações, ao passo que lidamos com interpretações subjetivas, de um conjunto numérico elevado, composto pela população que interage com o espaço construído e a forma única com que cada um interage com o espaço.

Até o momento apresentamos o ato que será estudado: projetar em arquitetura e urbanismo. Selecionamos um dos componentes deste ato: o ato simbólico. Recortamos o tipo de projeto a ser analisado: projetos de urbanismo, que podem ser considerados projetos paisagísticos, especialmente aqueles com valor cívico. Apontamos que o ato simbólico do espaço construído é planejado pelas intenções do arquiteto e urbanista. e nos questionamos se essas intenções provocam as sensações esperadas naqueles que interagem com aquele espaço projetado. Iremos também, mais adiante, realizar uma consideração de que estes espaços podem ser classificados como fenômenos, do ponto de vista da fenomenologia da paisagem. Provoca-se essa introdução com a seguinte passagem de Sartre (2005):

Uma fenomenologia assim deve ver cada paisagem como real concreto, como uma aparição única e particular de um real abstrato infinito de possibilidades, cuja essência se revela em cada aparição com o sentido de uma série de aparições.

O próximo passo deste trabalho é definir, a partir de qual bibliografia, esse questionamento será colocado em prática, para em seguida, apresentar um caso de arquitetura e urbanismo típico, a ser estudado neste trabalho.

2º Ato - Paisagem

Delimitamos os projetos de urbanismo como um dos recortes deste estudo. Em adição, é nossa intenção selecionar aqueles que possuem um valor cívico, simbólico, que sejam também, uma intervenção paisagística. Citando Eckbo (1950) novamente, "a paisagem é o complexo total de elementos físicos de uma dada área, é o mundo que nos envolve, o que vemos, sentimos". Cabe ao arquiteto e urbanista, a organização desses elementos em uma forma espacial pensada com seus valores, símbolos e questões técnicas.

Assim, apresentamos neste Ato, as considerações necessárias para o desenvolvimento da idéia de que estes espaços urbanos são paisagens, e a apresentação da bibliografia fundamental para conformar a metodologia que será utilizada.

É importante aqui, trabalharmos uma definição de paisagem tocada pela arquitetura e urbanismo. Entendemos que um determinado espaço urbano, como colocamos até o momento, criado através de um projeto de arquitetura e urbanismo, com determinados condicionantes, ao ser construído, faz parte de uma paisagem, que não se delimita ao espaço físico em si, mas expande-se para o seu entorno. Essa paisagem possui uma moldura: os edifícios ao redor, árvores, vistas do céu, pessoas transeuntes, com suas expressões, comportamentos e com uma forma única de ser afetado, em forma de sensações e sentimentos, pelo espaço físico que navegam. Enfim, criamos aqui uma definição de paisagem que pode ser ampla em sua composição, não por um cuidado metodológico, mas por compreender todas as nuances de um espaço e saber que ao retirarmos um destes componentes, a paisagem se altera.

Georg Simmel, do qual utilizaremos idéias relacionadas à conformação da paisagem, possuiu uma passagem que expressa bem essa questão de união dos elementos que compõem a paisagem, na qual ele faz referência ao exercido que um pintor faz ao observar e executar a pintura de uma paisagem: "onde vemos de facto paisagem e não já uma soma de objetos naturais isolados, temos uma obra de arte *in statu nascendi* (Simmel, 2009).

Portanto, afirmamos que o nosso objeto de estudo será um espaço urbano, tocado por um arquiteto e urbanista, com intenções para gerar sensações naqueles que experimentam o espaço, junto com os elementos de sua moldura, que combinados, tornam aquilo uma paisagem única, com elementos indissociáveis.

Em seguida, é necessário apresentar a questão subjetiva por trás dos levantamentos que fizemos: cada usuário dos espaços apresentará uma forma única de perceber aquela paisagem. Trataremos portanto, de percepções subjetivas. Para Collot (2011, p.18) a paisagem não é uma pura representação, mas sim um produto de encontro entre o mundo e um ponto de vista. Ou seja, ela é variável de acordo com a percepção subjetiva que com ela interage. Assim, a paisagem torna-se uma compreensão de mundo, único, carregados de reações e interpretações, e essa dinâmica é necessária, conforme aponta Serrão (2019).

A compreensão de que a paisagem não existe em si mesma antes mesma do ato de observação confirma que a invenção dessa categoria esta relacionada com a crescente importância da subjetividade, a qual considera cada experiência da paisagem entre um encontro simultâneo de subjetividade e objetividade.

Em adição, é interessante levantar algumas observações introdutórias ao próximo ato, mas que dizem respeito ao exercício subjetivo de observação e pertencimento das paisagens que citamos, de acordo com o principal autor da bibliografia escolhida - Merleau-Ponty: é importante termos em mente a noção do corpo, que participa dessa interação. Para ele, o corpo é senciente e sensível, sonoro e audível, vidente e visível, tocante e tangível.

Apresentamos a abordagem teórica que será utilizada neste trabalho. Assim, como o tipo e objeto a ser estudado, no caso, espaços cívicos urbanos, concebidos com intenções, desejos e objetivos do arquiteto e urbanista responsável pelo projeto. O próximo é definir um projeto que servirá como objeto de estudo.

3º Ato - O Projeto

É necessário que o projeto que servirá como objeto de estudo possua intenções bem definidas, que tenha significância dentro do contexto urbano maior em que se insere. Dessa forma, foi elegido a Praça dos Três Poderes, de autoria do Arquiteto e Urbanista

Lúcio Costa, localizada em Brasília-DF, para este estudo, por sua importância regional e nacional

Analisaremos as intenções de Lúcio Costa com o projeto da Praça dos Três Poderes, que foi apresentada em seu projeto para definição do traçado urbano da nova capital do Brasil, através de edital de concurso público lançado em 30 de setembro de 1956.

No edital não havia nenhuma exigência em se apresentar um espaço cívico público como a praça, há porém, uma indicação de implantação da nova capital no distrito federal, algo que será significativo para a disposição e simbologia da praça. O item em questão do edital, que aponta um dos documentos fornecidos pela banca examinadora para os concorrentes, está redigido da seguinte forma:

k) mapas topográficos regulares, na escala de 1:2.000, com curvas de nível de metro em metro e de dois em dois metros, da área de 150 km², indicada como ideal para a localização da zona urbana da capital federal

No documento de participação que foi submetido por Lúcio Costa, denominado Relatório do Plano Piloto de Brasília (IPHAN, 2018), é possível verificar diversos trechos que apontam para uma intenção simbólica da nova capital que será apresentada, como é possível verificar no trecho a seguir:

Ao se apresentar à banca do concurso e introduzir sua idéia de forma tímida e quase como se não fosse participar, Lúcio Costa diz: "A liberação do acesso ao concurso reduziu de certo modo a consulta àquilo que de fato importa, ou seja, à concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região. Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. E o que se indaga é como no entender de cada concorrente tal cidade deve ser concebida. [...] Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como urbs, mas como civitas, possuidora dos atributos inerentes a uma capital.

Lúcio Costa cria uma certa ambiência por trás da nova capital que ele está apresentando. Nota-se que não há apenas uma preocupação com a funcionalidade e tecnicidade dos traçados urbanos, mas também com os seus símbolos e significados. Assim, o discurso do arquiteto demonstra-se como uma apresentação de desejos e objetivos sobre como o usuário deverá ser impactado ao se sentir imerso naquele local.

Ao caminhar da apresentação, Lúcio Costa faz a apresentação da praça em si, a qual possui um valor simbólico de equilíbrio, através do seu traçado e da disposição de edifícios representativos da democracia. Inclusive, com o edifício do Congresso mais próximo do povo, através de sua localização em nível mais alto e no vértice do triângulo. A praça ainda tem na sua base a vista para o cerrado preservado, em um nível mais baixo, o funciona como uma apresentação da capital para o restante do Brasil. O senso de equilíbrio de poderes, de pertencimento, de composição de uma democracia,

de ser representado por uma casa em específico, de olhar para o restante do país, são sensações que deveriam ser provocadas nos usuários da praça, segundo o discurso do arquiteto Lúcio Costa.

As intenções de Lúcio Costa serão apresentadas com mais detalhes a partir da análise do Relatório. A curiosidade que este trabalho levanta é se os usuários da praça são impactados da forma como planejada pelo arquiteto. Para isso, selecionaremos o autor e a ferramenta de escolha para analisar a forma como os usuários se sentem ao frequentar a Praça dos Três Poderes.

4º Ato - A Fenomenologia

De acordo com Merleau-Ponty (1999) a fenomenologia é o estudo das essências, que se dispõem em criar definições, como por exemplo, para a essência da percepção e a essência da consciência. É uma filosofia que se utiliza do contato do ser humano com o mundo e a sua factibilidade, com o espaço, o tempo e aquilo que é vivido. Esse contato se utiliza de dados fornecidos pelo nosso sistema sensorial, que são interpretados, organizados e relacionados com a nossa memória de experiências passadas. Dá se então a percepção, ato intencional, que se apresenta como princípio da consciência e a base para o assentamento do conhecimento (Alves, 2023)

Aqui, é tratado a experiência, sem barreiras ou filtros causados por explicações psicológicas, históricas ou sociológicas. Isso quer dizer, que abriremos mão de algumas explicações de outras áreas, para lidar com uma metodologia fenomenológica, a única que dará conta de gerar um substrato para o entendimento da fenomenologia. Esse contexto fica bem ilustrado no seguinte trecho:

Eu não sou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu "psiquismo", eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que ser do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda"

Para Merleau-Ponty (1999) a fenomenologia é o estudo da percepção, a forma como compreendemos o mundo a partir daquele é que factível, a forma como o relatamos e o descrevemos. Ela é portanto subjetiva e dependente da experiência de vida que forma cada sujeito, bem como é variável de acordo com a forma como cada indivíduo se relaciona, se impacta, sente cada fenômeno, cada paisagem, sendo isso um item de interesse para este estudo, conforme provoca Sartre (2015):

Ou seja, uma crítica fenomenológica da paisagem deve revelar o invisível espacial presente no "visível" de cada paisagem, de cada aparição, enquanto "essência", construindo uma tipologia baseada em sistemas materiais e sistemas de valores. A essência das paisagens como "aparições" está, portanto, no espaço, no todo espacial como real-abstrato, porque em cada paisagem há uma relação com uma realidade espacial potencial, em perpétua mudança.

Então, focaremos, de forma mais livre possível, na percepção que o usuário cria quando experimenta o espaço físico colocado como objeto de estudo. Este dito objeto de estudo, no caso, a Praça dos Três Poderes, é o que a fenomenologia caracteriza como "fenômeno". O fenômeno é aquilo que se mostra a si mesmo, que não possui algo por detrás de si (Feitosa et al, 2007). O fenômeno é a paisagem que será analisada, descrita através da experiência, da percepção, do modo como aparece e é percebido. Estamos então, a falar de uma fenomenologia da paisagem.

Estamos então, interessados no exercício e desdobramentos do comportamento da percepção, ou seja, como cada indivíduo irá se afetar pela paisagem. Nos perguntamos como será a paisagem percebida, em comparação com a paisagem projetada.

Para o nosso propósito as percepções são interessantes pois revelam uma diversidade de descrições sobre a mesma paisagem, provavelmente tão diversas quanto a quantidade de indivíduos que a percebe.

Justificativa

A arquitetura e urbanismo é uma atividade que influencia relações em diversos níveis. Sendo mais específico, a atividade de planejar os espaços irá, em última instância, influenciar a forma como os usuários daquele espaço se sentem, interagem, se afetam, se transformam ao ocupar aquele lugar. O espaço construído tem essa capacidade. Essa é uma informação colocada de forma bastante genérica, porém, empírica, basta nos recordarmos as sensações distintas que nos são provocadas ao visitar um museu, uma casa na beira do mar ou uma casa de um cômodo apenas, um escritório luxuoso ou um apartamento em um grande centro urbano.

Sendo assim, é interessante para o Arquiteto e Urbanista ter ferramentas para verificar como o espaço que ele projetou pode influenciar as sensações daqueles usuários. Dessa forma, existem dois passos de grande interesse: primeiro, ter um ferramental teórico, segundo, ter um repertório com intervenções no espaço e suas respectivas sensações provocadas. Neste trabalho, esse exercício será iniciado com um estudo de caso: a Praça dos Três Poderes, de Lúcio Costa, e os os usuários daquele espaço.

Os usuários de um espaço público são numerosos e diversos, e suas sensações devem ser expressas sem uma noção de certo ou errado, de forma que isso trará percepções reais para que o Arquiteto e Urbanista possa calibrar suas estratégias de projeto. Em relação à sensações do espaço, é apropriado se apoiar na fenomenologia,

principalmente na de Merleau-Ponty, do período da Fenomenologia da Percepção, de 1945, que nos permite essa expressão de forma mais livre. Porém, antes de chegarmos no autor principal, vamos nos fundamentar em outras bibliografias que também trazem percepções interessantes para o trabalho.

A forma que a fenomenologia se relaciona com a arquitetura e urbanismo foi explorada por diversos autores. Para Montaner (2016) a arquitetura dá uma importância crescente aos nossos sentidos, à nossa percepção e experiência. É importante lembrar que desde o momento de nosso nascimento nos relacionamos espacialmente com a arquitetura, com todos os nossos sentidos percebemos o espaço construído que habitamos.

Ricoeur, em *Arquitetura e Narrativa* (Umbelino, 2011), apresenta uma contraposição entre o "tempo de mundo", aquele mensurável, homogêneo e tabelado em forma de calendário e o "tempo vivido", que está relacionado à escala de tempo de uma vida humana e as percepções corporais individuais. Da mesma forma, o autor apresenta a diferença entre o "espaço matemático", aquele projetado, uniforme e homogêneo para todos e o "espaço vivido", o qual, assim como o "tempo vivido", está relacionado às percepções corporais do indivíduo, que apresenta uma diversidade de intensidades e experiências. O espaço vivido também se denomina espaço fenomenológico.

Para Pallasmaa (2011), a arquitetura está relacionada com a forma como sentimos os ambientes, seja por tato, audição, paladar e demais sentidos, além de nos provocar julgamentos, emoções e imaginações. De forma mais profunda, afirma:

A arquitetura é o nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana à essas dimensões. Ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade.

Merleau-Ponty (1999) dará ênfase na nossa percepção do mundo através do corpo, situação que iremos expandir para a percepção dos espaços arquitetônicos. Para o autor, o corpo é a entidade da percepção, a principal referência espacial humana. Assim, para o usuário, a arquitetura é primeiramente experimentada através do sistema sensorial. Olhamos os volumes e ângulos, nos inserimos em espaços vazios, nos afetamos pela passagem da luz em espaços translúcidos, tocamos texturas com as mãos e os pés, nos afetamos pela temperatura e odores do ambiente.

Para este trabalho, nos baseamos principalmente na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), afim de estabelecer uma relação entre sua redação e a arquitetura, extrapolamos a percepção exemplificada das pinturas em quadros para o mundo real e construído. Começamos essa possível relação com o seguinte trecho: "Assim como a coisa, o quadro é para ver e não para definir, mas enfim, se ele é como um pequeno mundo que se abre no outro, ele não pode pretender à mesma solidez." (Merleau-Ponty, 1999, p.433). Em adição, outro trecho é importante para a relação a ser estabelecida, sendo ele:

Mas quando eu compreendo uma coisa, por exemplo um quadro, não opero atualmente sua síntese, eu vou ao encontro dela com meus campos sensoriais, meu campo perceptivo, e finalmente com uma típica de todos ser possível, uma montagem universal a respeito do mundo (Merleau-Ponty, 1999, p.574).

De forma análoga, podemos dizer que a nossa forma de perceber paisagens pintadas são semelhantes a forma de percebermos os espaços construídos, no que diz respeito ao fato de ambos terem, através dos sentidos, o ato intencional da percepção, que conseqüentemente dá momento à consciência e o estabelecimento de conhecimento. Devemos levar em consideração que, ao pensar sobre a percepção do mundo, devemos sempre pensar que os espaços construídos são constituintes do mundo, inseparáveis e invariavelmente irão interagir conosco. A arquitetura fará sempre, parte da nossa experiência com o mundo. Como segue o autor: “[...] nós temos a experiência de nós mesmo, dessa consciência que somos, e é a partir dessa experiência que se medem todas as significações da linguagem, é justamente ela que faz com que a linguagem queira dizer algo para nós” (Merleau-Ponty, 1999, p.12).

Além disso, percebemos um espaço arquitetônico e compreendemos que nele há uma intenção. Se o espaço é para se residir haverão elementos espaciais e funcionais para possibilitar esse objetivo. Haverá, provavelmente, um espaço similar a um quarto, com dimensões apropriadas para receber uma cama de determinado tamanho, além de alguns móveis de apoio, como mesas e roupeiros. O ambiente deverá ter uma certa abertura para o externo, orientado de forma que evite uma insolação excessiva ou que permita uma vista privilegiada. A iluminação artificial deverá ser de cor quente, indireta, de forma a não causar algum ofuscamento nos momentos de descanso. As cores escolhidas para revestir as paredes poderão transmitir tranquilidade, o que facilitará o usuário a relaxar e se entregar ao descanso. Assim, a arquitetura é cheia de intenções. Espaço públicos por exemplo, como praças, também estão cheias de intenções, mais do que isso, estão cheias de símbolos, como estátuas, formas geométricas, obras de artes, elementos que contribuem para fortalecer a intenção do espaço.

Apesar das intenções, que são um elemento chave neste estudo, a experiência e a percepção do usuário nos espaços acaba por ser tornar o elemento mais significativo para o entendimento da arquitetura.

O fator provocador deste estudo é o fato, ordinário e necessário, de que o arquiteto e urbanista, ao lidar com o processo de projeto, embasa um discurso de apresentação de suas propostas, muito comumente -pois esta a projetar um espaço a ser usado por outros indivíduos- utilizando uma expectativa de sensações que serão provocadas naqueles que transitam pelo espaço projetado.

Essas sensações podem ser provocadas através de diversos artifícios, como o traçado de caminhos, a exposição às intempéries, o uso ou não de ruídos diversos, a presença ou ausência de elementos naturais, como vegetação e visualização do céu, o uso de

materiais, ou seja, o Arquiteto e Urbanista tem um leque diverso de ferramentas para atingir o seu objetivo de percepção daquele espaço.

A questão que se levanta neste caso é se os usuários do espaço, do ponto de vista da fenomenologia da paisagem de Merleau-Ponty, são afetados pela paisagem da forma como o arquiteto e urbanista imaginou. Se não são, como eles se deixam afetar pelo o que experimentam?

Assim, esse estudo justifica-se como uma provocação, ou nova informação, que poderá auxiliar arquitetos e urbanistas no momento de concepção de seus projetos e na forma como eles irão afetar os seus usuários.

Objetivos

O objetivo geral deste estudo é verificar se há, em termos qualitativos e quantitativos, discrepância entre os objetivos de percepção do espaço, pensado pelo arquiteto e urbanista, e o que é percebido pelos usuários, no espaço construído, de acordo com a fenomenologia da paisagem de Merleau-Ponty. Assim, esse objetivo geral se desdobra em dois objetivos específicos, que irão servir como principais fontes de novas informações, sendo eles:

- Levantar qual o objetivo do arquiteto e urbanista com o projeto escolhido para este estudo
- Levantar qual as percepções da paisagem dos usuários da praça
- Realizar uma comparação entre o objetivo do arquiteto e as percepções dos usuários da praça.

Material e Métodos

Em um estudo como esse, em que o que mais nos importa são os relatos dos usuários da Praça dos Três Poderes, expressados de forma livre, sem que eles sejam categorizados entre certo ou errado, nos colocamos em um tipo de pesquisa onde os métodos quantitativos, aqueles que analisem dados numéricos, que procuram tendências e relações, não são apropriados.

Lideremos portanto, com um método descritivo, cujo interesse é tratar dos fatos sociais de difícil quantificação e onde as medidas não são o tema de maior atenção. Cabe, a citação de Gil (2008) sobre o tema:

Mas os fatos sociais dificilmente podem ser tratados como coisas, pois são produzidos por seres que sentem, pensam, agem e reagem, sendo capazes por tanto, de orientar a situação de diferentes maneiras. Da mesma forma o pesquisador, pois ele é também um ator que sente, age e exerce sua influência sobre o que pesquisa (Gil, 2008, p. 5).

É de grande interesse neste estudo, obter as informações relacionadas à percepção do usuário em relação ao espaço construído, de forma que, torna-se importante que essa coleta seja feita de forma a não influenciar o que é dito ou percebido. Assim, escolhe-se o método fenomenológico para a obtenção dessa tipo de informação, já que não nos importa no momento, o que é por detrás do que for dito, ou o que é a base de explicação daquilo. O objetivo é a comunicação não influenciada das percepções. Dessa forma, o método fenomenológico é adequado pois se debruça apenas sobre o fato, sobre o fenômeno, o que é apresentado. Segundo Bochenski:

Nas pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. Não procurar explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos. O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. Interessa aquilo que é sabido, posto em dúvida, amado, odiado etc (1962, apud Gil, 2008, p.14).

O objetivo é obter informações sobre a forma como cada usuário vê o espaço construído, de forma direta, sem intermediações, considerações e ponderações. Sem também considerar se elas estão ou não de acordo com o que foi planejado pelo arquiteto do espaço. O foco é a forma que as pessoas vivem e experimentam os espaços. Dessa forma, começamos a delinear a metodologia deste estudo, primeiramente com a adequação do tipo de pesquisa, que será “explicativa”, a qual, caracteriza-se por:

A estrutura da entrevista foi composta em 3 perguntas de repostas livres, apontadas abaixo, que deram continuidade para perguntas mais específicas a depender da resposta de cada entrevistado.

- 1 - Como você se sente ao frequentar essa praça?
- 2 - Quais os símbolos que você percebe nessa praça?
- 3 - Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?
- 4 - Como você entende o objetivo simbólico desta praça?

Foram entrevistados 10 (dez) pessoas no dia 02 de maio de 2025, entre 9h e 11h. Essas pessoas foram voluntárias para participar da pesquisa e foram informadas que as respostas fariam parte de uma monografia filosófica do curso de graduação em Filosofia da Universidade de Brasília.

Este estudo, de forma completa, contempla uma fase de levantamento bibliográfico, de entrevista e de redações, conforme consta no Quadro 1.

Quadro 1 - Cronograma

Atividade	Mês					
	1	2	3	4	5	6
Levantamento Bibliográfico	X	X				
Redação Inicial		X				
Entrevistas			X			
Redação Final				X	X	X

O ensaio metodológico é constituído basicamente de um levantamento comparativo entre objetivo do arquiteto e urbanista e as percepções do usuário do espaço construído. Aqui partiremos do seguinte esquema:

- Problema a ser estudado: a intenção do arquiteto e urbanista esta presente na percepção dos usuários do espaço planejado?
- Hipótese: existem diferenças entre a ambiência planejada pelo arquiteto e urbanista e aquela percebida pelos usuários do espaço planejado.
- Objeto de estudo: praça dos 3 poderes, projetada por Lúcio Costa, em Brasília-DF.
- Coleta de dados: levantamento de campo obtenção de relatos, em formato de entrevista, de uma amostra de 10% das pessoas que transitarem a praça no período da manhã (9:00 - 11:00h) do dia de levantamento, que deverá ocorrer em um domingo.
- Análise e interpretação de dados: comparativo entre as percepções dos usuários e as intenções de Lúcio Costa.

A partir da fenomenologia da paisagem de Merleau-Ponty, compreendemos que as percepções dos espaços podem ser diversas e subjetivas, de forma que, não há um conjunto de percepções que podem ser julgadas corretas. O interessante deste tipo de levantamento é de fato verificar a diversidade de formas de se perceber um espaço, sendo que cada uma tem o seu valor próprio.

A coleta de dados dos usuários da praça foi feita na forma de entrevista, em ritmo de conversa, individualmente. Esse formato é adequado para o estudo proposto.

A entrevista é umas das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para a coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação (Gil, 2008, p.109).

A entrevista permitiu coletar informações sobre como que as pessoas se sentem na praça, sobre o que elas acreditam e o que interpretam do espaço, de forma que a

informação flui melhor do que uma entrevista escrita, onde o entrevistado precisa parar e pensar no que exatamente irá escrever.

A entrevista foi focalizada e individual. Uma introdução foi apresentada, com o objetivo de deixar o entrevistado o mais a vontade possível, de forma que ele entendesse que não havia respostas certas ou erradas, que a informação de relevância era a visão individual dele.

A estrutura da entrevista foi composta em 3 perguntas de repostas livres, apontadas abaixo, que deram continuidade para perguntas mais específicas a depender da resposta de cada entrevistado.

- 1 - Como você se sente ao frequentar essa praça?
- 2 - Quais os símbolos que você percebe nessa praça?
- 3 - Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?
- 4 - Como você entende o objetivo simbólico desta praça?

Foram entrevistados 10 (dez) pessoas no dia 02 de maio de 2025, entre 9h e 11h. Essas pessoas foram voluntárias para participar da pesquisa e foram informadas que as respostas fariam parte de uma monografia filosófica do curso de graduação em Filosofia da Universidade de Brasília.

Durante o período de entrevista, foram contabilizados 108 (cento e oito) visitantes à Praça dos Três Poderes, o que aponta que um universo de aproximadamente 10% foi entrevistado.

Resultados

Os resultados obtidos através da análise documental de bibliografia sobre a Praça dos Três Poderes, entrevistas *in loco* e levantamento do perfil sociodemográfico dos usuários entrevistados serão apresentados em três seções, sendo elas:

Praça dos Três Poderes - Poderia chamar-se
Percepções sensoriais e espaciais do usuário da Praça dos Três Poderes
Usuário da Praça dos Três Poderes - De onde vêm?

Ao longo de cada seção, os resultados apresentados serão acompanhados de uma discussão, com o objetivo de lidar prontamente com o assunto apresentado, que se acumula até o final deste capítulo, de forma que possibilita a passagem para o momento final da monografia, onde as conclusões serão apresentadas.

Praça dos Três Poderes - Poderia chamar-se

Este é o momento de se analisar a principal bibliografia que irá fundamentar o conjunto de intenções arquitetônicas, as percepções desejadas e a simbologia espacial por trás

do projeto de Lúcio Costa, para o que ele mesmo disse que, "poderia chamar-se" de Praça dos Três Poderes (IPHAN, 2018, p. 32).

O edital para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil foi lançado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP) em 30 de setembro de 1956. De forma simples, em comparação aos editais atuais, o documento informava que a entrega deveria abranger informações como o traçado urbano, a localização e interligação de setores, espaços livre, dentre outros. Também exigia um relatório justificativo, que foi o espaço em que Lúcio Costa encontrou para expressar em redação as suas intenções, que complementaram os poucos croquis apresentados.

As informações de ordem mais técnica, como abastecimento de água, etapas de desenvolvimento da cidade, informações para sustentar uma nova lei reguladora do solo e recursos naturais, bem como a previsão de equilíbrio e estabilidade econômica, também exigidas pelo Edital, não foram extensamente aproveitadas pelos candidatos do concurso.

De forma que, a apresentação do candidato Lúcio Costa, dita por ele mesmo como "sumária" (IPHAN, 2018, p. 29), não estava recheada de desenhos e soluções técnicas, nem ao menos contou com todos os pontos exigidos pelo tópico 4 do Edital (que é?). No entanto, a redação que o candidato apresentou em seu relatório apresentava a forma como ele concebia Brasília e a forma como ela deveria ser, digamos, sentida, vivida, aproveitada. Assim, o texto tinha o poder de motivar o imaginário do leitor, e com essa estratégia, e alguns croquis, Lúcio Costa apresentou o que poderia chamar-se de Praça dos Três Poderes.

Destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontraram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar para contê-los. Criou-se então um terrapleno triangular, com arrumo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem aceso pela própria rampa da autoestrada que conduz à residência e ao aeroporto (...) Em cada ângulo dessa praça - Praça dos Três Poderes, poderia chamar-se - localizou-se uma das casas, ficando as do governo e do Supremo Tribunal na base e a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma ampla esplanada disposta num segundo terrapleno, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local, igualmente arrimado de pedras em todo o seu perímetro. (IPHAN, 2018, p. 32)

Então, Lúcio Costa apresenta a solução da Praça dos Três Poderes como um espaço urbano, primeiramente inspirado pela forma geométrica do triângulo equilátero, o que remete a um aspecto - talvez pudéssemos extrapolar para uma sensação - de equilíbrio, o que faz sentido por conta da composição dos poderes da democracia, onde cada casa ocuparia um vértice. Essa talvez seja a característica, relacionada a sensação e organização do espaço, mais marcante no discurso de Lúcio Costa para a apresentação da Praça. No entanto, existem outras, como a vista para a campina, que simboliza a vista para o Brasil, a posição do Congresso, casa do povo, em um plano mais alto do que as

demais casas, para que esteja mais próxima da esplanada e por assim dizer, da população, que será representada por aquele edifício.

A Praça dos Três Poderes é um local de renome nacional, muito frequentada por pessoas que vivem em Brasília e por visitantes. Há um certo conhecimento difundido sobre os valores e símbolos que existem na praça e quais os seus objetivos, bem como o fato dela ter sido projetada pelo arquiteto Lúcio Costa.

Sendo assim, nos ateremos à característica geométrica do triângulo equilátero, da disposição dos poderes do governo democrático e das diferenças de alturas de cada um dos planos para provocar sensações que possam remeter, por exemplo, ao sentido de equilíbrio de poderes, de organização, de autonomia e de outras sensações que possam se desenvolver à partir destas. Isso será, digamos, o repertório esperado nas repostas dos entrevistados que visitam a praça.

Espera-se que certas percepções concordem com o que foi planejado por Lúcio Costa, porém, também é esperado uma variedade de outras percepções, bem como situações muito particulares, que expressem a diversidade de formas de sentir, experimentar e vivenciar o local. O mais interessante talvez sejam as particularidades que irão ser expressas pelos usuários, de acordo com a fenomenologia de Merleau-Ponty, elas poderão ser diversas, ricas e fora do esperado, já que são formas de como as pessoas estão percebendo, com seus corpos e suas subjetividades, os espaços que elas ocupam.

Percepções Sensoriais e Espaciais do Usuário da Praça dos Três Poderes

A aproximação ocorreu com o mesmo discurso para todos as pessoas que foram abordadas. Nele, haviam informações básicas sobre o entrevistador e sobre o motivo da abordagem. O texto padrão era o seguinte: *olá, bom dia, tudo bem? Me chamo Pedro e sou aluno da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa sobre a Praça dos Três Poderes para o meu trabalho de conclusão de curso.. Você se importaria em participar de uma entrevista rápida de 5 minutos?*

A aproximação para o convite para participar da entrevista foi frustrada em algumas vezes. Foram feitas 15 aproximações, das quais, 5 foram rejeitadas, sem motivo explícito. Dessas rejeições, 3 aconteceram imediatamente após o entrevistado verbalizar as primeiras palavras, sem que houvesse a oportunidade de explicar a totalidade de informações necessárias para que ficasse claro qual era a intenção da entrevista. Nas outras 2 negativas, os possíveis entrevistados escutaram o discurso de apresentação por completo e declinaram, educadamente, da oferta que foi feita.

Alguns dos entrevistados estavam acompanhados e a entrevista acabou acontecendo com intervenções desta segunda pessoa. Todas as respostas e considerações foram transcritas na tabela.

Como forma de apresentação dos resultados e para melhor análise, as entrevistas foram transcritas para a tabelas de 1 a 10, com uma coluna para as perguntas e outra para as respostas.

Quadro 2 - Entrevista 1

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Me sinto afetado pela surpresa, de ver como isso foi pensado, mas ainda é muito desconhecido, a historia nossa do Brasil é muito antiga, se remete muito pouco à construção de Brasília. Temos informações truncadas, diversas, mas pelo sentimento mal construído. Aqui tem muita coisa boa pra ser explicada, comentada, principalmente nos nossos bancos de escola, pra ser resgatado o real papel da democracia.</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Aqui é uma história mais recente, por isso que eu digo que aqui você sente mais a questão da democracia, eu acho que os símbolos aqui eles te remetem a isso, você vai ali no Panteão da Pátria, você houve sobre isso, sobre a democracia pós-ditadura militar, eu acho que Brasília, ela nos remate a isso.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Sensação de uma história bem mais recente. Se você visitar o Rio de Janeiro irá encontrar uma história mais antiga sobre o Brasil, por exemplo: o Rio de Janeiro entre outros, como Bahia, Pernambuco, você vai encontrar uma outra história, da época da colonização.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>A arquitetura é imponente, muito bem pensada, pra entender como funciona os nosso poderes: temos uma praça onde estão todos eles, depois temos a esplanada dos ministérios, é o coração da nação, é aqui que tudo deve acontecer, ela remete a um pensamento sobre democracia, eles tem que estar juntos, funcionando coordenadamente.</i>

Quadro 3 - Entrevista 2

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Fico deslumbrada com a arquitetura, acho muito bonito todos os prédios que tem aqui, mas ao mesmo tempo eu vejo que é um pouco inalcançável para toda a população né, mas é um lugar assim que surpreende pela arquitetura sim, os prédios tem muita beleza, são bem construídos e projetados, eu vejo isso.</i> <i>Eu acho que me sinto encantada.</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Olha, os símbolos assim são os três poderes mesmo né, que tem o senado, o STF e o executivo né, então é os três que mais me chamam a atenção, são os mais representativos né.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Traz assim que um equilibra o outro né, que eu acho que tem que ter isso, tem que ter uma balança né. É mais pela função de cada órgão.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Sim, entendo que justamente essa questão dos poderes né, que eles estão concentrados aqui né, que é o que administra o Brasil né.</i>

Quadro 4 - Entrevista 3

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Me sinto fazendo parte da história, sinto que estou aqui num lugar onde aconteceu muita coisa, aconteceu muita história, a gente vê muita coisa, agente esta em casa e vê as coisas na tv e não sabe como é estar aqui, vê a dimensão de tudo...</i> <i>Acredito que pode ser uma satisfação, uma alegria de estar aqui, estou bem contente de estar bem aqui no meio, vendo como funcionado so poderes, porque né, é a praça dos três poderes...</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Ah! Eu vi aquela da estátua ali, que não lembro o nome agora, eu ví os que fizeram Brasília ali né, tava vendo as história ali, de como foi projetada, a maquete, fomos ver a maquete, depois vamos visitar o congresso né.</i>

Pergunta	Resposta
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Não me sinto afetado, porque eu acho que hoje o Brasil, os caras que mandam demais, manda quem pode obedece quem tem juízo, mas o Brasil não está sendo o Brasil, a gente não pode mais opinar, se expressar totalmente livre sem ter uma consequência. Me sinto indignado, no fato que a praça também representa liberdade de expressão, que tem igualdade, mas a gente sabe que não existe, quem manda é o poder.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>É que é pra mostrar o poder e que existe igualdade, o pessoal pra ver que é cada um no seu quadrado, essa vai fazer essa parte, essa vai fazer esse e essa vai fazer essa, mas essa não vive sem essa e não vive sem essa, não sei se soube explicar direito mas você deve ter entendido.</i>

Quadro 5 - Entrevista 4

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Bom é a primeira vez que estou vindo aqui e a sensação é uma sensação boa, uma vista muito bonita, onde representa a nossa democracia brasileira e a sensação que tem é de um ambiente agradável onde eu me sinto muito bem com as paisagens, com tudo que representa, os 3 poderes, a democracia brasileira.</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>O símbolo que podemos ver são as estátuas que representam os 3 poderes, juntamente com as paisagens arquitetônicas, que juntando os dois forma uma paisagem bonita, que nos representa, o povo brasileiro</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Me sinto afetado pela beleza juntamente com a sensação com a democracia brasileira, que nos representa de forma direta.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Vejo como uma representação da democracia brasileira né, juntamente com as estátuas dos 3 poderes, da justiça, e juntamente com brasões de bandeiras, com paisagens arquitetônicas, que remetem a nossa cultura, e juntando tudo isso forma uma... um conjunto onde representa a democracia brasileira, o povo brasileiro juntamente com as belezas naturais do nosso Brasil.</i>

Quadro 6 - Entrevista 5

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Eu acho bacana, porque a gente vê tudo isso na televisão e estar vendo tudo isso aqui ao vivo é uma sensação legal, eu gostei sabe. Uma sensação de ter matado uma curiosidade, felicidade de poder ver algo que é importante para o Brasil, representa a nossa democracia, então é mais ou menos por aí.</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>O primeiro que vem em mente é a bandeira, que fica tremulando ali né, e os edifícios mesmo, são imponentes pelo tamanho e pela importância também sabe, pois a gente sempre associa à isso com política e decisões importantes para o nosso país né.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Acho que de uma maneira positiva, pois sou engenheiro civil e você vê essas obras imensas, grandes, bonitas, feliz pela minha profissão, pois ela conclui coisas importantes para o nosso país.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Sim, não entendo profundamente mas acho que aqui busca consolidar a democracia do país né, como o próprio nome diz, a praça dos três poderes, eu entendo que aqui busca fazer essa consolidação e o resguardo desses poderes também.</i>

Quadro 7 - Entrevista 6

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Emocionante, mexe muito comigo, eu sempre choro quando venho aqui.</i>
	<i>Eu sinto que a gente vê onde tudo acontece, onde o centro do poder do país tá né, então a gente vê como é que funciona as coisas aqui, onde saem as decisões que gerem a vida do brasileiro. Mata uma curiosidade pra a gente ver como funciona o poder político do Brasil.</i>
	<i>Aprendizado, quero aprender mais pra ter mais conhecimento e não ser enganado mais vezes.</i>

Pergunta	Resposta
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>A gente tem aqui o STF né, que é o judiciário máximo, tem o congresso aqui né, que é donde saem as leis e decisões políticas, tem o palácio do planalto que é onde fica o presidente, então está tudo integrado, os 3 poderes da união, o judiciário, o legislativo e o executivo, um complementando o outro.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Afetam porque cada decisão afeta a vida da gente né, muda regra, muda lei, muda a forma como a gente vive, como que a gente convive com outro, como trata o outros, dependendo da forma você é processado ou perdoado, econômico também né, impacta na economia também né, dependendo da decisão trabalhista impacta na economia tanto do povo quanto dos servidores.</i> <i>Sensação de mudança, a gente não sabe o que vem né, uma hora é uma coisa outra hora é outra, e ai como é que a gente fica, vou seguir esse lado ou o outro lado?</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Mostrar né, onde estão as decisões que saem, pra impactar a vida do povo, mostrar que é acessível a todo mundo né, qualquer um pode chegar, chegar perto, só não pode extrapolar né.</i>

Quadro 8 - Entrevista 7

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>É minha primeira vez aqui, estou achando tudo muito bonito e dá um orgulho do país, de ter uma estrutura tão legal,</i> <i>Eu concordo, a gente vê bastante construção de certa forma antiga, mas bem imponente, sensação de que estamos num lugar importante.</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Eu acho que fica a clara a divisão dos 3 poderes, um em cada ponta, isso é uma simbologia da praça, ela é pensada assim, tem bastante espaço para o povo, a idéia também é essa, que tenha bastante abertura e participação das pessoas.</i> <i>O diferencial é o aceso ao público, é tudo muito aberto, a gente vem de outras cidades que é tudo mais privatizado, qualquer estacionamento você tem que pagar e aqui a gente se sente um pouco mais dono de tudo isso.</i>

Pergunta	Resposta
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Eu acredito que quando tem essa amplitude toda, uma sensação que eu tenho é que sempre temos que entender se eu posso estar aqui, será que estou passando alguma barreira, estou invadindo algum espaço, sentimento de não entender muito bem se posso acessar os espaços, uma pequena insegurança</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Eu acho que a praça cumpre bem o objetivo dela né, quer dizer, os símbolos de como ela esta distribuída, como esta construída, como que são feita essas, enfim, tem o registro da história também, né, se você descer ali tem a maquete, tem a história de como foi feito o plano piloto, eu acho que ela cumpre bem o papel dela.</i>

Quadro 9 - Entrevista 8

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>A vinda aqui na praça foi de oportunidade, mas o sentimento que me traz pra vir pra cá é o mesmo que traz o meu amigo, que é a gente poder vê, presencialmente algo que a gente vê pela tv, não chego a ficar emocionado, mas eu acho que mais uma questão de oportunidade, fazer um check em lugares que visitei, uma realização de uma curiosidade, estar passando por aqui hoje, despertava uma curiosidade, ver algo de uma forma mais palpável, ver algo, de se entender, de se dimensionar</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Eu acho que pelo próprio nome, a gente poder ver, eu estudo pra concurso, quando a gente estuda na constituição, a gente estuda os poderes em separado, poder ver o legislativo, o judiciário, poder ver o executivo, representados, eu acho que isso aqui eu consigo identificar né. Acaba auxiliando de uma forma mais visual, mais concreta, eu consigo identificar a parte dos poderes e justiça aqui.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Como eles são os símbolos que norteiam todo a nossa sociedade através da constituição, leis e funcionamento do país, nem tem como não se dizer que não se sente afetado. Eu sou do Pará, então a gente esta sempre muito distante de tudo que esta em foco, então eu acho que a gente identificando eles aqui, conseguem entender melhor como tudo funciona. É uma curiosidade, uma oportunidade .</i>

Pergunta	Resposta
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Eu acho que os símbolos trazem pra mim uma certa imponência, a representatividade, tudo muito grande, tudo muito magnético, trazem essa questão de mostrar o tamanho do poder, do poder aqui representado, dentro da nação.</i>

Quadro 10 - Entrevista 9

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Pra mim é a realização de um sonho, poder vir pra cá ver, ver isso tudo, materializado tudo aquilo que a gente sempre via pela televisão, pra mim ver isso é a realização de um sonho, me sinto extremamente feliz, e ver que tudo isso que a gente sempre observava pela telas, e de fato consegue ver, enfim, consegue materializar isso tudo, muito bom. Podemos fazer parte, pertencimento, saber que a gente pode chegar pra ver que não é uma coisa só de fantasia, a gente consegue ver que isso é uma realidade, é algo material, consegue se sentir parte disso</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Seria essa distinção, de onde a gente tem as casas, aqui onde tem o STF, ali onde tem a parte que fica o presidente, ali o senado, ver também essas obras, eu não sei dizer o nomes delas, mas eu consigo ver elas.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>Vir e ver isso faz com que a gente consegue sentir... não consigo nem explicar o sentimento, mas é algo que a gente sempre imagina e quando a gente vê, vem aqui e ver isso, é um sentimento muito bom de ver que tudo isso é real.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Pra mim a gente sempre vê a política de uma forma muito afastada, então a gente sempre vê a questão do que é o presidente, do que é o STF, a gente sempre vê de uma forma muito afastada, e quando a gente vem aqui e vê isso e vê a proximidade disso, faz que com a gente consiga sentir que tudo isso é real.</i>

Quadro 11 - Entrevista 10

Pergunta	Resposta
Como você se sente ao frequentar essa praça?	<i>Sou do sul, é uma surpresa agradável, onde o coração de nossa legislação está, sentimento de satisfação.</i>
Quais os símbolos que você percebe nessa praça?	<i>Os ministérios e as casas, me faz pensar sobre a democracia nesse espaço.</i>
Como você é afetado pelos símbolos que compõem essa praça?	<i>É uma sensação diferente, que faz a gente pensar que a gente tem que estar envolvido com a política também. Sensação boa, planejamento do espaço. Espaço bem pensado.</i>
Como você entende o objetivo simbólico desta praça?	<i>Sensação bom planejamento do espaço. Espaço bem pensado.</i>

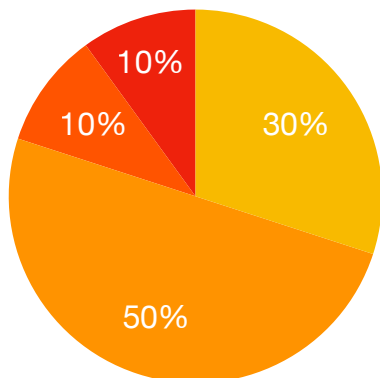
Usuário da Praça dos Três Poderes - De onde vêm?

Após cada uma das entrevistas, os entrevistados foram convidados a responderem um formulário virtual que continha perguntas para realizar um levantamento do perfil do entrevistado. Também havia uma pergunta de múltipla escolha, para verificar se eles sabiam quem era o autor da Praça dos Três Poderes. As perguntas realizadas foram as seguintes:

- Qual a sua data de nascimento?
- Qual a sua identidade étnico-racial?
- Qual a sua identidade de gênero?
- Qual o seu nível de escolaridade?
- Qual a sua cidade de nascimento?
- Qual a sua cidade de moradia atual?
- Qual arquiteto foi responsável pelo projeto urbanístico da Praça do Três poderes?

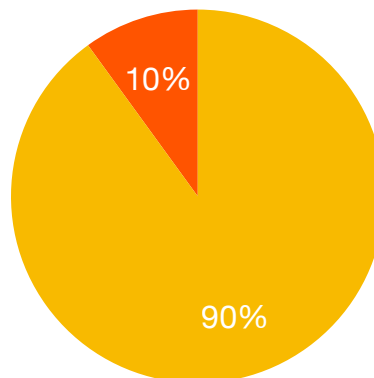
Nos casos onde houve intervenção de um acompanhante do entrevistado, apenas o entrevistado principal respondeu ao questionário. As resposta estão apresentadas nos gráficos de 1 a 5 e no quadro 12.

Gráfico 1 - Faixa Etária



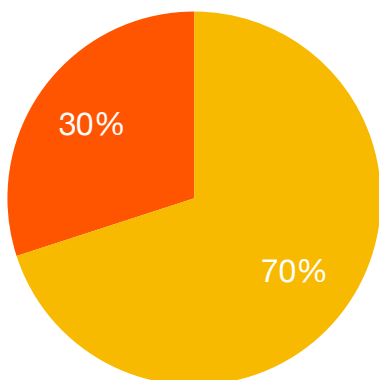
- ≤ 30 Anos
- > 30 e ≤ 40 Anos
- > 40 e ≤ 50 Anos
- ≥ 50 Anos

Gráfico 2 - Identidade de Gênero



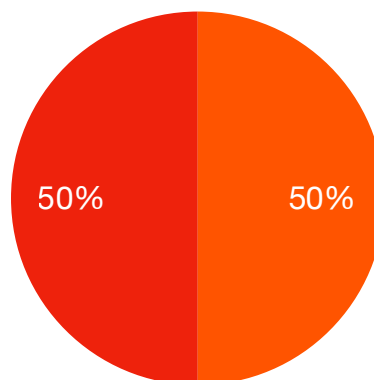
- Masculino Cisgênero
- Masculino Transgênero
- Feminino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Não Binário

Gráfico 3 - Identidade Étnico-Racial



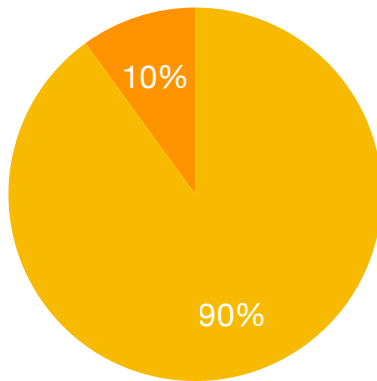
- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Gráfico 4 - Nível de Escolaridade



- Nível Fundamental
- Nível Médio
- Nível Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

Gráfico 5 - Quem é o Autor da Praça



- Oscar Niemeyer
- Lúcio Costa
- Burle Marx
- João Filgueiras
- Athos Bulcão

Quadro 12 - Cidade de Nascimento e Moradia

Cidade de Nascimento	Cidade de Moradia
Placas - PA	Belém - PA
Belém - PA	Belém - PA
Foz do Iguaçu - PR	Gaspar - SC
Bom Jesus - PI	Bom Jesus - PI
Belo Horizonte - MG	Belo Horizonte - MG
Pinhalzinho - SC	Gaspar - SC
Valparaíso - GO	Patos de Minas - MG
Sorocaba - SP	Florianópolis - SC
São José dos Pinhás - SC	Itapeva - SP

Discussão

Um dos pontos que foi apresentado nos resultados e que talvez mereça mais atenção é o perfil sociodemográfico do entrevistado. Inicialmente, foi pensado como um dado de suporte dos dados principais, algo como secundário, mas que talvez tenha um significado de maior importância do que foi pensado inicialmente. Por esse motivo, e para tornar a discussão mais rica, será apresentado aqui antes dos demais dados.

O perfil sociodemográfico dos entrevistados apresentou uma predominância de respondentes que se encaixavam no perfil de turista, ou seja, não eram residentes de Brasília. Existem alguns desenrolares que podem vir disso, sejam a favor ou contra a tese inicial deste trabalho.

A primeira é que o turista, aquele que visita pela primeira vez algum lugar, tem geralmente um olhar de deslumbramento, uma realização, uma percepção diferente daquele que vê e se movimenta pela Praça cotidianamente, como é o caso do morador local. Todos os entrevistados demonstraram certo nível de entusiasmo ao visitar a Praça dos Três Poderes. Em adição, havia uma sensação de que uma curiosidade havia sido contemplada. Aquela praça vivia no imaginário e era alimentada através de reportes midiáticos, porém, naquele momento, tudo era realidade. Tudo isso contribuiu para o nível de entusiasmo elevado e para uma maior emoção na verbalização das sensações.

Assim, essa sensação de, como muitos relataram “ter matado uma curiosidade”, não é específica para a Praça dos Três Poderes, mas sim para um lugar que antes era inédito. Contudo, houve a impressão que essa sensação potencializava as demais, que eram sítios específicas.

A primeira delas, que se desenrolava logo após a sensação de realização por estar vivendo naquele espaço público, era a de Pertencimento. Por muito, como falado anteriormente, aquele espaço era apenas virtual, vivia no imaginário, afastado fisicamente. No entanto, todos já sabiam de sua importância no cenário da democracia Brasileira. Não vivenciar aquele espaço parece ter um efeito de marginalização política, no sentido de que afasta as pessoas da vivência política do país. Assim, estar lá é estar no local de tomada de decisões nacional, é estar no triângulo onde se localizam todas as casas do poder da república, é estar a poucos passos do gabinete presidencial, do plenário do Supremo Tribunal Federal, da Câmara dos Deputados e da Câmara dos Senadores. Assim, o espaço da Praça dos Três Poderes traz uma representatividade política alta, e estar lá é estar próximo da política nacional é quase como ser um ator, um participante; estar longe, fisicamente, é ser um observador. Dessa forma, a sensação de pertencimento de uma nação e de sua força política é notória e expressa em todos os entrevistados.

Essa sensação foi sim pensada por Lúcio Costa, mas como o princípio: um espaço público cívico, onde estariam todos os poderes da República. Então, é uma combinação de um espaço urbano aberto, com o tipo de edificação que faz o seu perímetro, que

nesse caso funciona como símbolo e que se apresenta, bem próximo, para o usuário da Praça. É curioso notar que, em uma das entrevistas, o entrevistado relatou estar desconfortável, pois não sabia quais eram os limites permitidos para circular e ocupar a praça. Toda aquela apresentação ao usuário o deixava duvidoso: será que posso estar aqui? Nesse ponto tão importante, permitem que eu fique o ocupe esse lugar? De outra forma, ao questionar um dos entrevistados sobre os símbolos da praça, e esperando respostas relacionadas às edificações e obras de arte, o entrevistado apontou como símbolo as grades, que não são fixas e foram instaladas em um período recente, que criam um certo perímetro de segurança para o STF e o Palácio do Planalto. Para o entrevistado, as grades eram um símbolo de afastamento, de insegurança e de barreiras.

De forma surpreendente, todos sabiam sobre os símbolos democráticos e as casas e a sensação de equilíbrio e a divisão dos poderes. Lúcio Costa destacou esses elementos em seu relatório, a lembrar:

"Destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sem um número de três e autônomos, encontraram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar apropriada para contê-los" (IPHAN, 2018, p. 30).

Em relação ao fenomenológico, percebemos aqui a forma como os entrevistados compreenderam o mundo a partir dos que era factível. A descrição que foi documentada demonstrou a forma como cada indivíduo se relacionava, se impactou, se sentiu com a paisagem desenhada por Lúcio Costa.

Houveram relatos sobre sensação de pertencimento, ao vivenciar aquele espaço de importância para digamos, o Brasil como uma comunidade, como uma nação. Essa sensação é muito importante de ser provocada em um espaço cívico-público como é a Praça dos Três Poderes, onde constam as casas de comando do país e representação de seu povo.

Retomando Merleau-Ponty (1999, p.12), sobre como a "experiência de nós mesmos, dessa consciência que somos" verificamos que, apesar dos relatos girarem em torno de uma temática política, observamos distinções, que parecem estar relacionadas justamente ao que cada um carrega dentro de si, à vivência passada de cada um dos usuários da Praça. Por exemplo, houveram relatos sobre a sensação de "mudança" devido ao fato do exercício dos poderes influenciarem a vida como ela é vivida sob normas, leis e entendimentos jurídicos. Isso gerou uma sensação de mudança seguida de insegurança. Houve também, a expressão de um sentimento de indignação, por entender que daquele espaço, que é representativo do povo, também pode ser repressivo, ao limitar, censurar ou de alguma forma cercear certos comportamentos.

Assim, os resultados demonstram que as sensações, que se colocam dentro de uma grande categoria relacionada à política, mesmo assim apresenta variação, que

possivelmente é originada pela forma como a pessoa viveu sua vida até dar o relato que foi colhido nesse trabalho.

Conclusão

A conclusão será apresentada em dois momentos importante: o primeiro, em que apresentaremos as conclusões de cada um dos objetivos do trabalho, a segunda, com possíveis desdobramentos que não foram considerados na concepção deste trabalho.

Na seção de objetivos, o principal alvo do trabalho era verificar se havia discrepância, em termos qualitativos e quantitativos, entre os objetivos de percepção do espaço, pensado por Lúcio Costa, e o que é percebido pelos usuários da Praça dos Três Poderes. Esse objetivos geral foi desmembrado em três objetivos específicos, que serão retomados aqui, juntamente com as conclusões:

Qual o objetivo do Arquiteto e Urbanista, em relação à percepções provocadas, com o projeto da Praça dos Três Poderes?

Verificamos, através da análise bibliográfica, que o objetivo de Lúcio Costa com a Praça dos Três Poderes era criar um espaço público representativo da democracia, no sentido de colocar, em cada vértice de um triangulo equilátero, as casas dos poderes constitutivos, sendo eles a do Governo, do Supremo Tribunal Federal e do Congresso, o que atribuíam, de forma simbólica, equilíbrio, dependência e composição dos poderes.

Quais as percepções da paisagem dos usuários da Praça dos Três Poderes?

As percepções dos usuários variaram dentro de um grande tema: política e pertencimento. De uma forma geral, os usuários perceberam os símbolos importantes da praça e como eles de certa forma provocam sensações relacionadas à democracia, equilíbrio de poderes, poder do povo. Além disso, houveram muitos relatos de sobre a sensação que a praça provoca em pertencer a uma nação, estar ali, no centro do poder do país, poder caminhar naquele espaço e compartilhar a ambiência com outros Brasileiros promove a sensação de pertencer a um certo grupo.

Realizar uma comparação entre o objetivo do arquiteto e as percepções dos usuários da praça.

Sendo assim, pelo que vimos nos dois primeiro objetivos específicos, é possível verificar que há uma concordância significativa entre o que foi planejado por Lúcio Costa e o que é de fato sentido, percebido, provocado nos usuários da praça

Em relação ao uso da fenomenologia de Merleau-Ponty como ferramenta de estudo, entendemos que ela é sim apropriada e serviu como orientador da metodologia proposta. É característica das ciências sociais ter abordagens mais flexíveis em seus

estudos, e no caso, fizemos um alongamento das principais paisagens estudadas por Merleau-Ponty, no caso, pinturas, para as paisagens urbanísticas, e isso se mostrou efetivo. Em adição, a abordagem de Merleau-Ponty poderia ainda, ter tomado outros caminhos, principalmente com relação ao "corpo" e as percepções específicas dos nossos sentidos, mas isso, poderá ser tratado em um estudo futuro.

Bibliografia

Alves, R.R. A fenomenologia de Merleau-Ponty e a arquitetura. In Chaves, Mário, coord. - Kósmos. Lisboa : Universidade Lusíada, p 5-16, 2023.

BOCHENSKI, I. M. A Filosofia Contemporânea Ocidental. 1º Edição. São Paulo: Herder, 1968. 300p.

COLLOT, M. Pensée-Paysage. Paris: Actes Sud/EnSP, 2011.

ECKBO, G. Landscape for Living. 1º Edição. Massachusetts: University of Massachusetts, 2009. 274 p.

FEITOSA, D. F; CRUZ, T. P; PIZA, A. O; CASTRO, D. S. P. Linguagem do Pensamento e Pensamento na Liguagem: o Ato de Significação em Merleau-Ponty. Psicólogo inFormação, nº 11, p. 81-98, 2007.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6º Edição. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. Relatório do Plano Piloto de Brasília. 4º Edição. Brasília, DF: Iphan-DF, 2018. 140 p.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. 2º Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

MONTANER, J.P. A Condição Contemporânea da Arquitetura. 1º Edição. São Paulo: Gustavo Gili, 2016. 128 p.

PALLASMAA, J. Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos. 1º Edição. Porto Alegre: Bookman, 2011. 76 p.

SARTRE, J.P. O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica. 24º Edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015. 832 p.

SERRÃO, A; REKER, M. Philosophy of Landscape - Think, Walk, Act. 1º Edição. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2019. 321 p.

SIMMEL, G. Filosofia da Paisagem. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

UMBELINO, L.A. Espaço e Narrativa em P.Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra, nº 39, p. 141-162, 2011.